

## **Domingo eu vou à capela: análise dos encontros de mórmons em Sobral (CE)<sup>1</sup>**

Claudiene dos Santos COSTA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **Resumo**

A presença da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias num populoso bairro da cidade de Sobral (CE) é observada através da reunião de seus membros na capela construída num município da zona norte cearense. Os mórmons do bairro Sinhá Sabóia experimentam um processo de adequar-se a uma cultura religiosamente construída e com características distintas das desenvolvidas naturalmente na cidade. A participação nos encontros dominicais viabiliza o aprendizado deste estilo de vida estranho aos moradores e a expressão da identidade de membros desta Igreja, através da comunicação, firma uma sociedade dentro do bairro, com limites religiosamente instituídos, que convive e disputa espaço com os demais grupos religiosos atuantes no local.

**Palavras-chave:** religião; comunicação; cultura; Sobral.

### **Introdução**

Observar o bairro onde cresci sempre foi uma tarefa agradável para mim. Na movimentação das pessoas que eu conhecia, e das que nunca havia visto, definia características do Sinhá Sabóia, em Sobral (CE). Nos últimos anos, no entanto, a cada passeio as ruas estavam menos reconhecíveis, com novas pessoas, casas e... igrejas. Novas construções, nomes diversos. Cada igreja acrescentava outro grupo religioso à convivência dos sinhasaboienses.

Enquanto isso, uns rapazes que ninguém sabia de onde vinham percorriam as ruas do bairro diariamente. Sobre eles, todos sabiam uma coisa: eram mórmons. E cada conversão que eles conseguiam era percebida pelos vizinhos, amigos, familiares do convertido, porque eles se vestiam de forma parecida e saíam de casa para orar em algum lugar que poucos sabiam onde ficava.

Isso mudou um pouco em 2005, quando foi inaugurada no bairro uma capela da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O marco instituído fisicamente no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista com Especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC); e-mail: [claudienecosta@gmail.com](mailto:claudienecosta@gmail.com)

bairro foi um reflexo do aumento no número de mórmons naquele lugar, já tão disputado por diversos grupos religiosos.

O fenômeno da adequação dos sinhasaboienses a esta cultura religiosamente construída, disseminada em mais de 170 países, mas pouco conhecida no Brasil, é a atividade proposta por este trabalho. Privilegiei o ambiente da capela como local de sociabilidade restrito aos mórmons, onde os moradores do bairro que atendem a esta particularidade constroem relações fundamentadas na pertença ao grupo e a comunicação é igualmente ambientada por este fator.

Os relatos contidos aqui foram obtidos durante participações nos encontros dominicais dos meses de janeiro a maio de 2006, período em que se deu um passo significativo na referida Igreja em Sobral, quando ela foi elevada de categoria, conforme sua hierarquia organizacional.

Particpei das atividades mensalmente, na companhia dos demais mórmons, mas identificada como visitante. A intenção das visitas foi conviver com os membros da Igreja, e conhecer como se dá a interação no seu local de prática religiosa.

## **1. Os mórmons em Sobral**

Nas manhãs de domingo, algumas pessoas saem de casa cedo e cruzam ruas, calçadas, bares e carros com som em alto volume. A atenção permanece fixa no destino: uma capela destacada na paisagem árida por uma bela torre branca. A ela se dirigem homens vestindo calças compridas escuras, camisetas brancas e gravatas, acompanhados de mulheres de saias. Embaixo do braço, um livro de capa azul-escura. São os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias indo ao encontro semanal.

Se nos dias úteis os moradores do bairro Sinhá Sabóia formam um grupo de trabalhadores e estudantes que transitam nas ruas para realizar suas atividades, no fim de semana eles se dirigem a lugares distintos para realizar suas práticas religiosas.

Enquanto os mórmons vão à reunião sacramental, outras famílias, seguidoras de orientações religiosas distintas, saem de casa no domingo para ir à missa, ao culto ou à escola dominical. Há cerca de 15 locais no bairro onde se realizam práticas religiosas. Com exceção da Igreja Católica, que mantém duas capelas no bairro, os demais locais são únicos representantes de um grupo religioso.

O espaço desta análise interpretativa é a capela da Igreja conhecida como Mórmon, um local destinado aos membros, ainda que aberto a visitantes. Os relatos dos frequentadores – suas histórias, suas concepções de vida e seus valores serviram de base à análise, num exercício de descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o dito no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, destacam-se contra outros determinantes do comportamento humano.

Mas os mórmons também convivem com os moradores do bairro que não são da Igreja; eles constituem o bairro e desenvolvem alguma “sociação”. Esta, segundo Georg Simmel, significa a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades<sup>3</sup>.

Esta sociação se dá no bairro crescido à margem direita do Rio Acaraú, onde os trabalhadores do centro da cidade e de indústrias próximas incrementaram a população de cerca de 19 mil habitantes. As escolas públicas e particulares do bairro, mercantis, hospital, farmácias e pequenas lojas do bairro mantêm muitas das 4500 famílias independentes do centro comercial da cidade, distante cerca de 3 km.

A mais importante experiência dos outros, dizem Berger e Luckmann<sup>4</sup>, ocorre na situação de estar face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste. Baseado nisto, é na movimentação de pessoas indo ao trabalho, à escola, ao mercantil, ao hospital, que observo como se relacionam os moradores que compõem o Sinhá Sabóia.

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. A visão deste mundo coerente é construída no cenário do local onde moram.

Um povo, geralmente, elabora um quadro das coisas como elas são na realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Como afirma Geertz sobre visão de mundo, na obra “A Interpretação das Culturas”, esse quadro contém suas ideias mais abrangentes sobre a ordem.

---

<sup>3</sup> SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de (org). Georg Simmel: sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>4</sup> BERGER, Peter. e LUCKMANN, Thomas. “Os Fundamentos do Conhecimento na Vida Cotidiana”. In: A construção social da realidade, Petrópolis, Vozes, 1987.

Os vários sinhasaboienses, então, constroem coletivamente sua visão de mundo, com base também no território comum. Surge um ambiente único, diferente dos outros bairros, assim como os demais bairros da cidade diferem também entre si.

A esse respeito, Simmel comenta que o fator para compreender essa continuidade dos seres coletivos é a permanência do solo em que eles vivem. A unidade, não apenas do Estado, mas da cidade e de muitas associações, em princípio, se submete ao território que serve como substrato subsistente a todas as mudanças sofridas pelos integrantes da sociedade. É uma unidade psíquica que constitui a unidade territorial, e não o contrário.

A cidade da qual faz parte o bairro, no entanto, foi construída como um ambiente de difícil expansão para a Igreja Mórmon. A Princesa do Norte, como é conhecida Sobral, por ser a cidade mais desenvolvida da zona norte do Ceará, foi marcada pelo trabalho de líderes católicos como D. José Tupinambá da Frota (1882–1959), um de seus maiores benfeitores.

D. José procurou assimilar os valores da civilização europeia e dar uma feição romana à arquitetura dos edifícios da cidade. Os casarões e igrejas construídos nos séculos XVIII e XIX formam o Centro Histórico de Sobral, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1999. Fazem parte dele o Teatro São João, a Igreja do Menino Deus, a de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora do Patrocínio. O Arco do Triunfo de Nossa Senhora da Conceição é o símbolo sobralense mais conhecido no estado.

Neste cenário de forte herança católica, e também de disputa de grupos protestantes, a capela do bairro Sinhá Sabóia torna-se um espaço peculiar de observação de uma prática religiosa diferente das práticas consolidadas na cidade.

Sobral conta ainda com indústrias, hospitais e um sistema educacional formado por diversas escolas e os campi da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), da Universidade Federal do Ceará (UFC) e de faculdades particulares. Esta rede de prestação de serviços beneficia cerca de 52 municípios próximos, além dos 197.663 habitantes de Sobral (IBGE, 2013).

### **1.1. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**

Um jovem americano filho de agricultores teria tido uma visão em 1820 que o guiou a restaurar a Igreja de Jesus Cristo na Terra. Das páginas de livros a versos de canções, passando pela boca de todos os fiéis, esta é a origem da Igreja de Jesus Cristo dos Santos

dos Últimos Dias, sempre exaltando a importância do jovem em questão, o profeta Joseph Smith.

Ele nasceu em 1805, nos EUA, e teve aos 14 anos a primeira visão de seres celestiais. Smith iniciou a organização da Igreja em Fayette, Nova York, em 1830. Ele morreu martirizado aos 38 anos, junto com o irmão, na cadeia de Carthage, Illinois, em 1844. Os mórmons enfatizam que ele organizou a Igreja, e não a fundou. O fundador teria sido Jesus Cristo.

À propósito, François Houtart, em “Sociologia da Religião”, prefere o termo organização religiosa em vez de instituição. Porque o processo de institucionalização não somente afeta a organização, mas também as crenças, as expressões e a ética. “Por esse motivo, nos parece mais correto falar de organização religiosa para denominar o conjunto estruturado de atores que exercem um papel religioso específico, com uma base material e organizativa que permite o funcionamento dos sistemas religiosos” (1994, p. 97.).

Os SUD (sigla que designa a instituição e seus membros) ultrapassam 15 milhões de pessoas, estão em cerca de 170 países, com 143 templos e material de evangelização publicado em 189 idiomas<sup>5</sup>. Mais da metade dos membros vive fora dos Estados Unidos.

Mesmo após essa propagação no mundo inteiro, acho importante ressaltar o país onde se originou a Igreja, pois no estudo da gênese dos sistemas religiosos, orienta Houtart, devemos nos perguntar em que tipo de sociedades eles nasceram e se desenvolveram.

Conforme o autor, os atores religiosos são agentes que produzem, reproduzem e transformam o sistema religioso, mas não atuam de maneira totalmente autônoma, sendo condicionados por seu vínculo grupal, por sua posição de classe e pelo tipo de sociedade (modo de produção) na qual vivem.

Sobre os livros sagrados para os mórmons, eles os chamam de obras-padrão. Elas são a “Bíblia Sagrada”, o “Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo”, e mais duas obras escritas por Joseph Smith e alguns sucessores, o “Doutrina & Convênios” e “Pérola de Grande Valor”.

A Bíblia é a tradução de João Ferreira de Almeida, com sete livros a menos, no Antigo Testamento, que a versão adotada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Ela é a mesma adotada pelas igrejas protestantes, com 39 livros no Antigo Testamento e 27 no

---

<sup>5</sup> PÁGINA OFICIAL EM PORTUGUÊS da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível no site: [www.mormon.org.br](http://www.mormon.org.br). Acesso em 27. junho.2014.

Novo Testamento. Já o Livro de Mórmon foi escrito por muitos profetas antigos, entre os anos 600 a.C. e 421 d. C.

Atualmente no Brasil existem seis templos, que são locais de ordenações sacramentais. Eles se situam em São Paulo, Recife, Porto Alegre, Campinas, Curitiba e Manaus. Neste mês de maio, representantes da Igreja visitaram a Prefeitura Municipal de Fortaleza (CE) a fim de iniciar trabalhos para construir um templo na cidade, o que demonstra um grande passo no estabelecimento da organização no estado, tendo em vista a importância que os membros dedicam ao templo.

Outras estatísticas divulgadas pela Igreja são 1.248.548 membros no Brasil; 34 missões; 249 estacas, que são semelhantes a dioceses (comparação feita pela própria página oficial); e 1537 alas, que são descritas como congregações, organizadas geograficamente, onde os membros frequentam as reuniões de adoração perto de sua casa. A título de comparação, a América do Sul possui 3,750 milhões de membros.

A Igreja é guiada por quinze apóstolos. O apóstolo mais antigo é o presidente da Igreja e ele escolhe dois outros apóstolos como conselheiros. Esses três agem como a Primeira Presidência, que é o mais alto corpo governante da organização.

Doze outros formam o Quórum dos Doze — o segundo corpo governante mais alto. Juntos, a Primeira Presidência e os Doze supervisionam toda a Igreja. O atual presidente é Thomas S. Monson, que serve como o 16º presidente da história da Igreja, e curiosamente nasceu na cidade que é a sede mundial da organização, Salt Lake City, Utah (EUA).

## **2. Os encontros dominicais**

A canção do livro de hinos saúda: sê bem-vindo, dia santo. O domingo dedicado ao descanso lembra às pessoas a necessidade de alimento espiritual e o dever de obedecer a Deus, ensina o Livro de Mórmon. Isto porque o dia inclui também a ida à capela para participar da Escola Dominical.

Neste encontro, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estudam as doutrinas e livros sagrados, refazendo suas concepções de mundo e assimilando a cultura mórmon.

Considero que o termo cultura denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas

em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida<sup>6</sup>.

Trata-se aqui, portanto, de uma “sub-cultura”, ou seja, do modo próprio de significar a sociedade e as relações sociais construído nos espaços de sociabilidade instituídos pelo grupo.

Se o homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele mesmo, os mórmons, bem-vestidos e munidos das obras-padrão da Igreja, participam das atividades na capela do bairro Sinhá Sabóia para conhecer as concepções de mundo características da religião que abraçaram. É o momento de buscar as diretrizes que legitimam suas posturas, ou novas posturas, no caso dos convertidos. A religião assume aí o sentido de:

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67)

Os participantes da Escola Dominical buscam, então, a ligação entre a realidade construída particularmente (humana) e a realidade universal e sagrada. E é a instituição religiosa que vem legitimar essa relação. Além da oportunidade de prosseguir com essa legitimação, fixando as doutrinas e conhecendo os textos considerados sagrados, a ida à capela pode representar o cumprimento de um dever ou um encontro semanal com amigos, pois “sempre é o grupo quem dá sentido à prática simbólica”, afirma Houtart (1994, p. 73).

Após permanecerem durante as duas primeiras horas da manhã separados em salas para aulas temáticas, conforme idade, sexo e estado civil do público, o compromisso dominical se encerra com o ponto alto da reunião sacramental. É quando todos os presentes se reúnem no salão sacramental, local da capela considerado sagrado.

Jovens, adultos e crianças se acomodam nos largos bancos de madeira da sala climatizada e aproveitam para cumprimentar os amigos. A distribuição do sacramento, que representa o corpo e o sangue de Jesus Cristo, marca esta reunião.

A capacidade que os mórmons têm de se comunicar dentro da capela cria uma estrutura social, a qual eles próprios se submetem. Uma pura observação do conviver dos

---

<sup>6</sup> GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, “A religião como sistema cultural” e “ ‘Ethos’, visão do mundo e a análise de símbolos sagrados”. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1989.



homens mostra-nos o fato em si do viver em comum, ou em sociedade, como um fato inquestionável prévio a toda determinação<sup>7</sup>.

E isto não acontece apenas porque os membros se acostumaram a se ver, pelo menos, aos domingos ou porque moram no mesmo local. Há uma livre e dupla circulação do saber entre sujeitos igualmente ativos, o que caracteriza, grosso modo, uma comunidade.

No caso, o intercâmbio visa à partilha da fé, ou a expressar a confirmação da mesma aos que podem ser convencidos a abraçá-la. Os mórmons do bairro Sinhá Sabóia tornam-se cada vez mais uma sociedade, firmada pelo relacionamento entre seus membros, favorecido pela proximidade que experimentam no interior da capela.

Existe sociedade se existe possibilidade de comunicação; há simples aproximação física se não há comunicação possível. Somente surge, portanto, um organismo social se previamente existe uma função comunicadora; isto é, a função faz efetivamente ao órgão e não inversamente. Falando um pouco mais tecnicamente: o conviver em função do com-saber; a função comunicativa fundamenta e cria a organização social; o comunicar-se não é um dos muitos subprodutos do estar um-com-outro, mas aquele do qual se origina a possibilidade de conviver. (PASQUALI, 1973, p.55)

A mesma sociedade formada pelos presentes à reunião sacramental atua sobre eles, guiando-os sobre a postura dentro do salão. Depois de um pouco de esforço para manter as crianças sentadas e encerrar as conversas entre os amigos, a atenção dos presentes se fixa no altar à frente.

O púlpito no centro é ornado com flores artificiais e um delicado microfone, onde o presidente do ramo Sobral 2 saúda: “Todos os membros e visitantes sejam bem vindos a mais uma reunião sacramental”. Seguem-se alguns avisos sobre a administração da capela e anúncio de distribuição ou mudança de cargos entre os membros da Igreja na cidade.

No salão sacramental pode-se ver que as práticas inerentes aos mórmons constroem um lugar, físico e também psicológico, onde estas atividades podem durar. O fluxo interativo na capela do Sinhá Sabóia favorece uma dinâmica social, onde os novos membros serão cada vez mais imersos na Igreja pela interação com os demais SUD. A comunicação delimita e desencadeia este processo, transmitindo os significados entre as pessoas, inserindo e integrando o indivíduo na organização social.

---

<sup>7</sup> PASQUALI, Antonio. Sociologia e comunicação; tradução de Santo Rossetto e Vítor Hugo. Petrópolis, Vozes, 1973. Col. Meios de comunicação social, 11.



O homem tem necessidade não apenas por razões biológicas, de viver em comunidade, marcando a sua existência pelos contatos múltiplos com outros indivíduos, intercambiando experiências, integrando-se no grande patrimônio coletivo que é a sociedade. Tem necessidade de estar em relação com o mundo. (...) A comunicação é o instrumento que possibilita e determina a interação social; é o fato marcante através do qual os seres vivos se encontram em união com o mundo.” (MELO, 1978, p. 21-22)

Os mórmons, enquanto estão se acostumando com a cultura da Igreja, aprendendo com as leituras sagradas em casa ou participando das aulas na Escola Dominical, constroem uma bagagem subjetiva. José Marques de Melo, citando Jarbas Maciel, diz que o conhecimento torna-se objetivo, e também cultura, somente após a comunicação. “O conhecimento subjetivo, típico da atitude do homem isolado diante da realidade exterior, não é propriamente cultura, desde que não se deu ainda a comunicação com outros seres humanos” (Melo, 1978, p. 23).

O processo de evangelização mostra seu sucesso quando os membros compartilham a fé, em momentos simples como uma conversa ou a postura de respeito durante a reunião sacramental. Isto influencia também os que estão apenas visitando a capela. “Nosso objetivo básico na comunicação é tornarmo-nos agentes influentes, é afetarmos outros, nosso ambiente físico e nós próprios, é tornamo-nos agentes determinantes, é termos opção no andamento das coisas. Em suma, nós nos comunicamos para influenciar – para afetar com intenção”( Berlo apud Melo, 1978, p. 24).

Como a atividade do homem de construir um mundo é sempre e inevitavelmente um empreendimento coletivo, os membros da Igreja em questão passam aos outros suas visões de mundo, numa atitude cada vez mais social e dirigida. “Toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e a interação social contínua importa em que os diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum”<sup>8</sup>.

Dos cumprimentos formais aos gestos mais calorosos, todas as oportunidades de interação no salão contribuem para os presentes se sentirem parte daquele grupo. “Se assumimos que a comunicação implica uma ação por meio da qual um indivíduo tenta levar a que o outro saiba suas ideias, sentimentos, problemas, opiniões, medos, ilusões, necessidades... temos que aceitar que é um aspecto fundamental da socialização.” O diálogo ou qualquer outro intercâmbio comunicativo implica a expressão de diversas experiências pessoais e sempre gera novos estímulos.

---

8

BERGER, Peter. O dossel sagrado. São Paulo: Paulinas, 1985.

Conforme a educadora Reyzábal<sup>9</sup>, as redes de comunicação podem ser classificadas em horizontais ou verticais. No salão, elas ocorrem em sentido horizontal, pois “o clima do grupo é igualitário, democrático e os membros funcionam de maneira complementar e não subordinada”. No entanto, todos os sentados diante do altar atuam como ouvintes, receptores. Líderes como o presidente da capela, os discursantes do dia e regentes do coro ocupam o altar, de onde falam sobre as interpretações dos livros considerados sagrados pelos mórmons.

## **2.1. Pregações**

Após o sacramento e a entoação de mais um hino, o altar é ocupado pelos discursantes escolhidos para a reunião. O presidente da capela lê os nomes dos três convidados para a ocasião, e eles ocupam o púlpito, um de cada vez, acompanhados dos textos que lhes suportarão no discurso. Passam à condição de educadores, e o público, de ouvinte.

Vozes calmas, no volume de uma conversa, pregam para cerca de 130 pessoas uma interpretação para as leituras sagradas. Alguns, como os élderes, o presidente e o ex-presidente da capela falam tranquilamente enquanto manuseiam páginas de livros, e mesmo os demais membros da Igreja, apesar de demonstrar certo nervosismo, discursam sem problemas.

O ato de falar, no qual a produção e a recepção produzem-se simultaneamente, é um dos aspectos mais basicamente humanizadores da convivência moderna. Os discursantes tentam transformar seus passos no entendimento das doutrinas em patrimônio coletivo. Eles devem ser capazes de “falar, com clareza e precisão, para si mesmo e para os demais – sempre tendo em conta que falar não é pronunciar palavras, mas “recriá-las” na construção de cada discurso” (Reyzábal, 1999):

A comunicação humana procura a coincidência entre a personalidade subjetiva, que existe interiormente, e a objetiva, que se manifesta exteriormente, destaca também Penteadó. “Da mesma forma que o significado é inseparável do contexto, a personalidade está ligada ao comportamento, à sua reação individual e ao meio social” (1993, p. 79).

Enquanto aquelas pessoas estão no altar, ocupam a função de pregadores. Suas experiências físicas e espirituais serão utilizadas como base para a interpretação dos

---

<sup>9</sup> REYZÁBAL, Maria Victoria. A Comunicação oral e sua didática. Bauru; SP: EDUSC, 1999.

ensinamentos contidos no Livro de Mórmon e confirmação da fé na referida Igreja. O alvo é o público que, ainda que não esteja familiarizado com as histórias descritas nos livros, compartilha delas.

Penteado afirma que a “compreensão” é fundamental para que se possa colocar em comum ideias, imagens e experiências. Os que falam no púlpito tentam este exercício, criando palavras e recriando ideias num sentido compreensível para o público.

Os discursos abordam também orientações da Igreja sobre o jejum, o pagamento do dízimo, a caridade e a educação dos filhos, “acompanhando seu crescimento e lendo as leituras sagradas com eles”. Outros temas recorrentes são a felicidade em fazer parte da “Igreja de Jesus Cristo sobre a Terra” e a necessidade de viver o Evangelho e trabalhar para o crescimento do ramo Sobral 2, levando a família e os amigos à capela.

Os pregadores do dia são designados previamente, e quase todos os presentes os conhecem, o que aumenta a sensação de integrar um grupo. “Participar é justamente o usufruto da condição de ser parte de um todo. Quem está isolado não pode ser parte, não participa. Comunicar é fazer participar, é trazer para a comunidade o que dela estava isolado”. (Veloza apud Melo, 1978, p.14).

Do púlpito, alguns degraus acima do nível do altar, é possível avaliar a frequência na capela, a atenção dos ouvintes e distinguir os visitantes. “Há três meses, havia bancos vazios aqui. Hoje foi preciso abrir as cortinas”, afirma um ex-presidente do ramo Sobral 2, durante seu discurso. Naquele dia, os missionários abriram as cortinas no fundo do salão, dando acesso a uma sala com mais alguns bancos, onde se acomodou uma dezena de pessoas que estavam de pé.

Conforme a frase na entrada da capela, “visitantes são bem-vindos”. A única exigência é a atenção às pregações. Penteado, que afirmou a necessidade da compreensão para se efetuar a comunicação, pondera que isto “não quer dizer necessariamente, acordo”. Na reunião sacramental, membros e não-membros da Igreja ouvem as pregações e podem até discordar delas. No entanto, ao contrário de uma aula da Escola Dominical, a pregação transcorre sem interrupções. Posso tirar dúvidas no lado de fora do salão, conversando com os pregadores.

Quem recebe a comunicação tem uma experiência que lhe transforma a própria natureza. Quem a comunica, por sua vez, se muda ou se transforma no esforço para formular a sua própria experiência. Há, assim, uma troca, um mútuo dar e receber. Por isso, toda relação social realmente vivida e participada é educativa para os que dela

participam.(...) Ela (a comunicação) modifica a disposição mental das duas partes associadas.(MELO, 1978, p. 16)

Mesmo quem vai embora sem consultar ninguém ou demonstrar sua aceitação ou rejeição às doutrinas da Igreja, certamente teve alterada a imagem que possuía do grupo religioso, pois nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação – o que recebe e o que comunica – se mudem ou se transformem de certo modo.

### **Considerações finais**

A característica predominante entre os mórmons sinhasaboienses, percebida durante os encontros na capela, foi a comunicação e a sociabilidade construídas naturalmente pelas pessoas quando reunidos em grupos com alguma afinidade.

No aprendizado e vivência da cultura mórmon, é importante expressar-se como membros da Igreja, seja entre membros da Igreja ou não, para reconhecer-se como tal. A comunicação e interação entre mórmons e recém-convertidos é um incentivo ao aprofundamento na religião.

O compromisso assumido por élderes e no qual se empenharam todos os membros de Sobral, principalmente os pioneiros, foi alcançado em 2006, na semana em que pela primeira vez apresentei este tema.

Sobral passou à condição de estaca da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A promoção de categoria foi alcançada pelo aumento no número de fiéis na cidade e o acréscimo de mais dois ramos (Betânia e Tianguá, ambos funcionando na capela do Junco), o que foi anunciado no segundo semestre de 2006.

As capelas sobralenses, chamadas atualmente de ramos Junco, Acaraú, Sobral 1 e Sobral 2, passaram então a ser chamadas de alas. Migrando da condição de distrito (conjunto de ramos) para estaca, Sobral se tornou independente da missão Brasil-Fortaleza e ganhou mais autonomia na administração de suas unidades.

O atual corpo de lideranças mórmons sobralenses (presidentes e secretários de ramos, líderes da Organização das Moças, dos Rapazes, da Primária e Sociedade de Socorro) foi reordenado, com a desobrigação de alguns membros e chamada de outros.

Esta autonomia conquistada pelo desenvolvimento da capela na cidade poderia significar a mudança para um jeito mais *sobralense* de evangelizar e orientar o crescimento

da Igreja na cidade. No entanto, acredito que o trabalho de conquistar novos membros continuará a ser o modelo aprendido dos EUA, como acontece no mundo todo.

Os que não são mórmons continuarão alvos do ordenado trabalho de evangelização, que deve se tornar mais maciça com a instituição da estaca. Os mórmons não deixam de defender a autoridade de sua religião, e desejam vivê-la numa comunidade. Esta comunidade vem crescendo no Sinhá Sabóia, com novos visitantes e recém-batizados a cada encontro dominical na capela.

E nos demais ambientes do bairro, os membros cumprem os papéis de trabalhadores, estudantes, filhos, genros, noras, amigos e vizinhos de sinhasaboenses que se diferenciam deles, nestes momentos, pela alcunha de não-membros da Igreja.

### **Referências bibliográficas**

BERGER, Peter. O dossel sagrado. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”. In: A construção social da realidade, Petrópolis: Vozes, 1987.

CARVALHO, José Jorge de. A Religião como Sistema Simbólico. Uma Atualização Teórica. Série Antropologia. Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Brasília, 2000.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, “A religião como sistema cultural” e “ ‘Ethos’, visão do mundo e a análise de símbolos sagrados”. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1989.

HOUTART, François. Sociologia da religião. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

PÁGINA OFICIAL EM PORTUGUÊS da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível no site: [www.mormon.org.br](http://www.mormon.org.br). Acesso em 27. junho.2014.

PASQUALI, Antonio. Sociologia e comunicação; tradução de Santo Rossetto e Vítor Hugo. Petrópolis, Vozes, 1973. Col. Meios de comunicação social, 11.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. A técnica da comunicação humana. 12<sup>a</sup>. ed. São Paulo. Pioneira, 1993.

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de (org). Georg Simmel: sociologia. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et all. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.